

PRONTA PARA PATNAR

BETSY HALL HUTCHINSON

Meus olhos pararam no item idade do formulário que estava preenchendo para alugar os patins in-line. Será que era mesmo necessário colocar no papel o número que me rotulava como cidadã idosa? Minha idade não parecia apropriada à atividade. Mas qual seria a idade "correta"? Que número eu deveria escrever?

Apesar desse pequeno desvio de pensamento, não pude resistir à oportunidade de ouro: depois de mais de quarenta anos de formadas, seis amigas da época do segundo grau estavam se reunindo para um fim de semana na praia.

Dorothy trouxe seus patins in-line para aproveitar as calçadas lisas, largas e cheias de curvas. Algumas de nós estávamos ansiosas para nos juntarmos a ela nessa aventura. Outras hesitavam. As desculpas eram várias: "Não patino desde a época da escola", "Meu joelho não está bom", "Tenho medo de me machucar", "Patins in-line são diferentes dos roller".

Cada uma de nós ficava mais agitada à medida que experimentava as joelheiras, os patins e as munhequeiras (nesta ordem) de Dorothy. Gentilmente auxiliadas por ela, decidimos tentar dar uma volta perto de uma parede, o que imaginávamos ser mais seguro. Ajudava o fato de algumas de nós saberem esquiar - movimento de parar parecia semelhante.

Quando começamos a trocar socos com aquela que estava sobre os patins e a discutir como crianças para saber de quem era a vez de patinar, sabíamos que estávamos prontas. Estávamos todas dispostas a alugar o equipamento.

Era inegável meu entusiasmo! Aquela sensação na sola dos pés me levou de volta à infância. Ainda me lembro do gostoso clique-clique-clique de quando corria a toda velocidade sobre as fissuras dos quadrados de cimento das calçadas da minha cidade natal.

Naquela época, as ruas, as calçadas e terrenos vazios da vizinhança eram nosso playground. Sob a sombra de árvores majestosas, o grupo de crianças patinava, pulava corda, brincava de amarelinha e andava de bicicleta durante todo o verão. As mais velhas organizavam projetos mais ambiciosos: carnavais, produções teatrais, exposições de cachorro e desfiles. Os irmãos menores ficavam de ajudantes.

Ao pôr-do-sol nos reuníamos sob as árvores para tocar violão e cantar.

Mas em qualquer dia do verão eu estava sobre meus patins roller, com a chave dos patins balançando num fio de algodão encardido pendurado ao redor do pescoço, os joelhos cheios de cascas de machucados, Normalmente realizávamos nossas proezas mais ousadas descendo a ladeira íngreme que levava à rua seguinte no final do nosso quarteirão. Em altíssima velocidade, descíamos berrando até pararmos lá embaixo, com uma guinada de corpo para a esquerda. Batíamos ruidosamente contra uma porta de garagem estrategicamente localizada. A porta (para desprazer do dono da casa) estava permanentemente marcada com uma fileira de mãos de crianças.

Agora, quase cinco décadas depois, alegremente protegida por joelheiras e munhequeiras, tendo nos pés os patins alugados, sigo Dorothy (minha amiga desde a quarta série) pelo caminho que leva ao passeio largo e liso, onde poderemos realmente decolar. Virando a cabeça, Dorothy sorri para mim e diz:

Agora temos oito anos!

Com certeza - concordo, Este era o número que eu estava procurando.

**Vou envelhecer, mas sem perder o gosto pela vida,
porque a última curva da estrada vai ser a melhor.
HENRY VAN DYKE**